

A Prova

Carlos Rehermann

Traducida por Silvana Garcia

GÊNESE

A Prova se origina em um episódio da vida do italiano Primo Levi, prisioneiro do campo de Auschwitz durante o último ano da Segunda Guerra Mundial. Químico de profissão, foi detido como *partisano* em sua Itália natal, e condenado por ser judeu.

Os campos alemães forneciam ao Ministério da Indústria mão de obra escrava. Levi se apresentou a uma convocação por químicos, para trabalhar em um setor de produção de cloreto de magnésio. Quase todos os selecionados foram destinados a tarefas de limpeza dos equipamentos de produção e ao transporte de matérias primas.

O grupo de químicos estava a cargo de um *kapo* que, como era costume nos campos alemães, era um preso comum, condenado por roubo ou assassinato.

O episódio que relata Levi em seu livro *Se isto é um homem* refere-se a uma prova de química ao qual teve de se submeter para que o admitiessem no grupo. O italiano conta como um *kapo* o leva diante de um *doktor* que lhe aplica o teste de química.

A situação resume vinte séculos de civilização: um criminoso conduz um sábio diante de outro criminoso, que lhe faz perguntas técnicas. E o sábio responde, porque quer viver.

Em *A Prova*, Primo e seu interrogador cruzarão seus olhares uma vez. Primo diz: “Aquele olhar não foi trocado entre dois homens; e se eu soubesse explicar a fundo a natureza daquele olhar, trocado como se fosse através da parede de vidro de um aquário entre dois seres que vivem em dois mundos diferentes, teria explicado também a essência da grande loucura da terceira Alemanha”.

A Prova se inspira nesse episódio, embora não conte os fatos concretos. Deliberadamente se afasta das circunstâncias históricas e dos lugares específicos, porque provas são, sempre, e em todo lugar, um abuso.

O ESPAÇO

Toda a ação se desenvolve em um espaço grande, de altura generosa, construído com materiais fortes e grosseiros (concreto nu, vigas de ferro). Parece um lugar disposto para o trabalho, sem nenhuma concessão para distrações ou descanso. Não tem nada supérfluo ou ornamental. Não está limpo, mas tampouco demasiado sujo: simplesmente está em uso a um ritmo que não permite mantê-lo com excessivo cuidado.

A iluminação pode marcar distintas zonas do palco com intensidades diferentes, mas é preferível que as mudanças de luz se reduzam ao mínimo.

O TEMPO

As ações se desenvolvem em qualquer momento da história da humanidade.

O RITMO

Ao longo de toda a obra há numerosas pausas (que estão indicadas) durante as quais há absoluta inação dos personagens, um *estupor* durante o qual os atores devem abster-se de representar seus personagens. Trata-se de uma atitude animal, como as dos bovinos numa tarde de verão, à sombra de uma árvore em meio de uma ampla planície vazia.

PERSONAGENS

PRIMO é um prisioneiro que será sometido à prova.

CHEFE é seu guardião.

FISCAL é o examinador e superior de Chefe.

1 O ANÚNCIO

Primo, Chefe e Fiscal estão no palco dispostos da seguinte maneira: Primo parado no centro, olhando para Fiscal, e Chefe a suas costas. Fiscal enfrenta a ambos. Atrás de Fiscal há uma cadeira exageradamente alta, cujo assento está à altura dos olhos de Primo.

Fiscal tem uma atitude serena, que evidencia seu domínio sobre os outros. Chefe mantém-se em posição de sentido, atento aos mais mínimos desejos de Fiscal. Primo está abatido, desabado sobre si mesmo, fora da vertical, curvado e passivo.

FISCAL

(Dirigindo-se a Chefe, como se Primo não estivesse presente)

Tudo explicado?

CHEFE

(Prontamente, com ânsia de agradar)

Sim, senhor Fiscal! Perfeitamente explicado!

FISCAL

Disse que se trata de uma oportunidade excepcional, que lhe trará grandes vantagens em relação a sua atual condição?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Eu disse que se trata de uma oportunidade excepcional, que lhe trará grandes vantagens em relação a sua atual condição! Exatamente!

FISCAL

(Levemente incomodado pela ecolalia do Chefe)

Disse que somos rigorosos, mas justos, e que seu desempenho será avaliado sem preconceitos?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Eu lhe disse que somos rigorosos, mas justos, e que seu desempenho será avaliado sem preconceitos! Sim, foi assim mesmo que eu disse.

FISCAL

(Contendo-se)

E esclareceu que, embora sejamos justos, as dificuldades pelas quais passamos, nesses tempos nefastos, nos impedem de permitir que tenha algum tempo livre de suas obrigações cotidianas para a preparação do exame?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Eu esclareci que embora... sejamos justos, as dificuldades pelas quais passamos nesses tempos... nefastos... nos impedem de permitir que... tenha..... tempo obrigatório...

(Confuso, esquece o que devia dizer)

FISCAL

(Explodindo, furioso)

Basta, senhor Chefê! Não é necessário repetir cada coisa que eu diga! Já é suficiente que cumpra com o que lhe ordenamos!

CHEFE

(Aterrorizado)

Sim, senhor Fiscal! Basta! É suficiente!

Permanecem imóveis por um momento, até que Fiscal recupere a calma. Primo permanece quieto durante a conversa dos outros dois, e continua no mesmo lugar, com a mesma atitude. Depois de um longo tempo, durante o qual não se produz nenhuma ação por parte de nenhum dos três, Fiscal vai até a cadeira e começa a montar nela. Chefê demonstra alívio. Com grande dificuldade, Fiscal consegue trepar até o assento e sentar-se nele. Ajeita as roupas, alisa os amassados e arruma o cabelo por um longo tempo. Então fala.

FISCAL

Anuncie que irei falar com ele.

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Atenção, imbecil! O senhor Fiscal vai dignar-se a lhe dirigir a palavra!

Primo permanece imóvel, embora seu olhar percorra o entorno. Quando seu olhar se detém diante da cadeira, dá a impressão de que não tem energia para alçar-se até o lugar onde está sentado Fiscal.

CHEFE

Cuidado, animal! Sem olhar! Atitude de respeito! Ouvidos atentos!

Primo se mantém quase imóvel, embora não transpareça se se trata de apatia ou de pavor, por não saber como deve se comportar diante de Fiscal. Os únicos indícios de vitalidade são os movimentos dos olhos. Há um longo silêncio. Do alto de seu posto, Fiscal se ajeita para olhar

Primo, que está muito próximo da cadeira como para ser observado com comodidade.

FISCAL

Esperamos que tenha entendido as condições que estabelecemos para o transcorrer do processo.

Primo permanece em silêncio, o que provoca a imediata reação, brutal e nervosa, do Chefe.

CHEFE

Troço de merda! O senhor Fiscal lhe dirigiu a palavra! Responda!

PRIMO

Sim, obrigado, obrigado. Uma honra, obrigado. Uma honra que não mereço, obrigado, obrigado.

CHEFE

O que você está dizendo, idiota?

PRIMO

Sim, que é uma honra, que sim, obrigado, que é uma honra, que sim.

Chefe parece querer avançar sobre Primo, mas Fiscal começa a falar, o que acaba contendo seu impulso.

FISCAL

(Falando pausadamente, como se estivesse conversando com alguém que não entendesse bem o idioma)

Esperamos que tenha entendido as condições que estabelecemos para o transcorrer do processo.

Primo move a cabeça imperceptivelmente, como se fosse olhar para cima, mas sem determinação.

CHEFE

O senhor Fiscal espera que tenha entendido as condições! Responda ao senhor Fiscal se entendeu... que... espera... que... as condições!

PRIMO

Sim, sim, o senhor espera que eu tenha entendido as condições. Sim, obrigado, obrigado por dirigir-me a palavra, sim.

Chefe esboça um gesto de ameaça, mas Fiscal o detém. Primo

*permanece imóvel, como se não tivesse reflexos. Fiscal se retorce
incomodamente em sua cadeira para poder falar olhando para Primo,
que está excessivamente próximo, em baixo.*

FISCAL

O processo consistirá no seguinte: o senhor irá desenvolver três temas, que poderá preparar durante uma volta do relógio. Será entregue ao senhor um papel com os títulos dos temas, e um lápis. Poderá fazer anotações no papel, e depois fará um rascunho desses temas. Em nossa qualidade de Fiscal, poderemos fazer-lhe as perguntas que considerarmos pertinentes. Está claro?

PRIMO

Um papel? Vocês me darão um papel?

FISCAL

Sim, um papel, no qual estarão escritas as três frases, que correspondem...

PRIMO

(Interrompendo Fiscal)

Nunca me deram um papel.

CHEFE

Não interrompa o senhor Fiscal, animal!

PRIMO

Mas, nunca me deram um papel.

CHEFE

(Gritando)

Que nunca lhe tenham dado um papel não é desculpa para interromper o senhor Fiscal!

PRIMO

Não é desculpa, é que... fiquei surpreso ao saber que irão me dar um papel. *(Recupera o tom de surpresa e diz:)* Nunca me deram um papel.

CHEFE

(A ponto de acertar Primo)

Asno! Jumento! Troglodita! Excremento!

FISCAL

Basta, basta. Como vê, o fato de que algo ainda não tenha ocorrido não significa que nunca vá acontecer. Mas, de todas as maneiras, é conveniente que saiba que algumas coisas nunca vão acontecer. Já o caso do papel é outra coisa. Consideramos que para que o processo transcorra adequadamente, é conveniente entregar-lhe um papel e um lápis.

PRIMO

O lápis não me interessa.

CHEFE

(Horrorizado)

Como?! Como?! Como?!

PRIMO

(Pronunciando com cuidado, como se Chefe tivesse dificuldades para entender o idioma)

O lápis não me interessa.

Chefe aproxima-se ficando cara a cara com Primo e se dispõe a fazer um escarcéu de ameaças, quando Fiscal intervém.

FISCAL

Basta!

(Se dirige a Chefe)

Intervenha apenas quando for solicitado.

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Apenas quando for solicitado!

FISCAL

(A Primo)

O lápis é parte dos elementos necessários para que o processo transcorra de acordo o esperado.

Durante a conversa, Primo parece manter uma relação distante e distraída com seu interlocutor. Não está claro se de fato responde às frases do outro ou se a alternância é apenas uma ilusão de conversa. Os olhares de Primo nunca chegam até onde Fiscal se encontra. Durante todo esse tempo, Chefe tratará de conter seus impulsos de atacar a Primo. Mostrar-se-á inquieto e fará gestos de impaciência e desespero diante de cada uma das intervenções dos interlocutores, aprovando tudo que diz Fiscal e reagindo com espasmos e autoagressões diante das intervenções de Primo.

PRIMO

Pessoalmente, não me interessa o lápis. O papel, sim.

FISCAL

O lápis é importante para que se possa fazer anotações sobre os temas que terá que desenvolver.

PRIMO

O papel me interessa porque permite desenvolvimentos em duas dimensões. Por outro lado, o lápis pode produzir apenas linhas unidimensionais.

FISCAL

Se não tiver o lápis, o papel não lhe servirá para nada.

PRIMO

O papel servirá, porque no papel estarão escritas as três frases.

FISCAL

Sim, mas se não tiver um lápis não poderá desenvolver suas ideias.

PRIMO

(Começa a ser tomado pelo próprio processo de raciocínio)

O papel se estende em duas dimensões (desprezo aqui a terceira, a espessura, porque é ínfima em relação às outras duas). Isso permite formulações interessantes. Inclusive porque o papel está em um mundo de três dimensões, pode envolver objetos tridimensionais. É muitíssimo mais interessante que um lápis.

FISCAL

O lápis lhe permite desenvolver ideias!

PRIMO

O papel pode envolver o lápis.

FISCAL

O lápis lhe permite desenvolver ideias!

Primo parece escutar pela primeira vez a voz de Fiscal e faz um leve movimento com a cabeça como para alçar o olhar, embora não chegue a pousá-lo em seu interlocutor.

PRIMO

Mas serão ideias lineares. Não me interessa. Não, não me interessa nem um pouco.

Black out.

2 A NOITE ANTERIOR AO EVENTO

Primo e Chefe estão em cena. Primo sustenta na mão um pedaço de giz. Chefe está manipulando uns canos que pode encaixar entre si. A seu

lado encontra-se jogada uma cadeira de ferro, totalmente tomada pela ferrugem. Está amassada e retorcida. Parece difícil imaginar que alguém possa se sentar nela. Primo examina o giz e começa a percorrer um pequeno pedaço da cena, mantendo-se distante de Chefe. Examina o solo. Em determinado momento se detém e se ajoelha para desenhar com o giz um retângulo do tamanho de uma pequena cama. Quando termina, põe-se de lado, olhando para Chefe, e espera em silêncio e em posição de sentido. Chefe o vê, mas deixa passar um longo momento antes de falar. Sua intenção é irritar Primo.

CHEFE

Fale.

PRIMO

Peço licença para me entregar ao sonho reparador, senhor Chefe.

CHEFE

Concedido.

PRIMO

Obrigado, senhor Chefe.

Primo se dispõe a dormir. Senta-se no chão, ao lado do retângulo de giz. Logo se ajoelha perto de um dos lados. Junta as mãos, assumindo uma postura de oração católica. Não fica satisfeito e, então, separa os braços e vira o rosto para o alto, em uma atitude de maior adoração. Não fica satisfeito. Inclina o torso como em uma oração muçulmana. Não fica satisfeito. Começa a adotar diferentes atitudes corporais, emprestadas das diversas religiões, incluindo posições de yoga, posturas zen, parada de mão. Experimenta uma longa sucessão de posições até chegar a uma posição complicada, quando passa a murmurar uma ladainha inaudível. Enquanto isso, Chefe continua com a intenção de armar algo com seus canos. À medida que avança a variação de posturas de Primo, Chefe arma uma estrutura que vai conectando às pernas da cadeira. Quando termina, dispõe de uma cadeira com pernas exageradamente altas, com aspecto frágil e instável, com o assento à altura dos olhos. Primo desarma sua atitude de oração e, muito lenta e atentamente, se coloca em seu retângulo e se dispõe a dormir. Chefe começa a subir na sua cadeira, trabalho complicado e perigoso, devido à instabilidade de sua construção. Quando finalmente consegue, assume lá em cima uma atitude de satisfação e poder, o olhar percorrendo a cena como se fosse um latifundiário que examina seus domínios. Primo permanece quieto

em seu retângulo de giz. Chefe olha ao redor.

CHEFE

Está dormindo?

PRIMO

(sem se mover)

Não, senhor Chefe.

CHEFE

Durma!

PRIMO

Sim, senhor Chefe.

Transcorre meio minuto de calma e imobilidade.

CHEFE

Está dormindo?

PRIMO

(sem se mover)

Não, senhor Chefe.

CHEFE

Durma!

PRIMO

Sim, senhor Chefe.

Transcorre outro meio minuto de calma e imobilidade.

CHEFE

Está dormindo?

PRIMO

(sem se mover)

Não, senhor Chefe.

CHEFE

Durma!

PRIMO

Sim, senhor Chefe.

Passa um terceiro meio minuto de calma e imobilidade.

CHEFE

Está dormindo?

Primo permanece em silêncio.

CHEFE

(Elevando a voz)

Está dormindo?

Primo continua em silêncio.

CHEFE

(Mais forte)

Está dormindo?

Primo tem um sobressalto, como se despertasse, e permanece sentado em seu retângulo de cara para Chefe.

PRIMO

Não, senhor chefe.

CHEFE

Durma!

PRIMO

Sim, senhor Chefe.

Primo se encolhe para dormir. Chefe está desconfortável em sua cadeira. Durante muito tempo se revira nela, lentamente, arriscando-se a cair. Primo permanece imóvel

Black out.

3 OS PRONOMES

Fiscal e Chefe estão em cena. Não há móveis.

FISCAL

Já dispõe de todos os elementos necessários para a realização dos Procedimentos de Exame?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Já dispomos de todos os elementos para a realização dos Procedimentos de Exame, sim!

Fiscal observa Chefe detalhadamente. Transcorre um longo período de

imobilidade.

FISCAL

Senhor Chefe: o senhor pode nos informar sobre o sentido do uso da primeira pessoa do plural em sua elocução anterior?

CHEFE

(Desconcertado)

Sim, senhor Fiscal! Posso informar, senhor Fiscal! O sentido... do uso... da primeira pessoa do plural...

FISCAL

Sim, senhor Chefe, o sentido do uso da primeira pessoa do plural. O senhor disse exatamente: “Já dispomos de todos os elementos”.

CHEFE

Sim, senhor Chefe! Dispomos de todos os elementos! Temos todo o necessário! Assim é!

FISCAL

Perguntamos sobre o sentido da primeira pessoa do plural, e não informações sobre a disponibilidade de meios.

CHEFE

Sim, senhor Chefe. Está claro, sim.

FISCAL

E então?

CHEFE

Então... Primeira pessoa do plural... *(Pensa e encontra a resposta)* Nós! Nós, senhor Fiscal! A primeira pessoa do plural é nós! Nós! Nós!

FISCAL

Sim, senhor Chefe. Justamente. Por isso perguntamos sobre o uso da primeira pessoa do plural. Entende o que estamos dizendo?

CHEFE

(Pausa)

Não, senhor Fiscal!

Depois de falar com naturalidade, subitamente se põe a chorar com muitas caretas.

FISCAL

Cale a boca! Vamos explicar. Se um sujeito usa a primeira pessoa do plural, por

exemplo, se pronuncia, como o senhor Chefe, “dispomos”, ocorrem duas possibilidades. Por um lado, pode estar se referindo a uma comunidade da qual faz parte. Ao dizer “dispomos”, o senhor Chefe se coloca a si mesmo como parte dessa comunidade. Quem “dispõe”? “Dispõem” algumas pessoas que podem referir-se a si mesmas com o pronome “nós”. Quando o senhor Chefe responde a nossa pergunta sobre a disposição dos elementos, etcétera, se coloca a si mesmo no grupo dos que dispõem. Mas, neste caso, quem dispõe dos citados elementos necessários para etcetera?

CHEFE

(Pausa)

O homem propõe e Deus dispõe, senhor Fiscal!

FISCAL

Cale a boca. Não é uma pergunta para responder, é uma pergunta para pensar. Quem dispõe? *(Longuíssima pausa durante a qual Chefe quase se mata de nervoso)*

A Administração, senhor Chefe, a Administração. Mas se o senhor diz “dispomos”, converte a Administração em um grupo de indivíduos. A Administração não é um grupo de indivíduos, senhor Chefe. A Administração está muito acima dos grupos de indivíduos. E seu implícito “nós” pareceria indicar que o senhor, senhor Chefe, e um Fiscal – um Fiscal, senhor jefe, um Fiscal! - poderiam fazer parte de um grupo de indivíduos, uma ideia repugnante que convém não continuar examinando. Está claro?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal, uma ideia repugnante que convém não continuar examinando. Perfeitamente claro, senhor Fiscal. Repugnante, argh!

FISCAL

Bem. Mas há outra possibilidade de interpretar o uso do pronome “nós”: se sua intenção ao pronunciar “dispomos” tivesse sido a de referir-se a um hipotético grupo ao qual pertence o senhor e outros indivíduos de semelhante hierarquia, no que não se incluisse nenhum Fiscal, estaria incorrendo em uma falta grave: associação.

CHEFE

Não, senhor Fiscal, nenhum grupo, não há nenhum grupo, não existem grupos, não temos, não tenho...!

FISCAL

Silêncio! E finalmente, há uma terceira possibilidade de interpretar o sentido de “nós”. Em esse caso, a situação seria muito pior, muito pior. Refiro-me ao majestático, esse uso que lhe damos nós que sabemos que somos mais que um. O uso do “nós” para falar de si mesmo está reservado exclusivamente aos hierarcas da Administração. *(Longa pausa)*
Nós.

Fiscal cambia de postura, indicando que terminou. Instala-se um longo silencio.

FISCAL

Então, já dispõe de todos os elementos necessários para a realização dos Procedimentos de Exame?

CHEFE

Senhor Fiscal! Se dispõe de todos os elementos necessários para a realização dos Procedimentos de Exame, sim, senhor Fiscal! Se dispõe, se dispõe! Se!

FISCAL

Prepare o recluso.

Black out.

4 A PREPARAÇÃO

A cena está vazia. Entram Chefe e Primo. Primo arrasta o monte de ferros que constitui a cadeira que Chefe preparou anteriormente. Arma-a cuidadosamente e coloca-a na cena em uma zona simétrica (com respeito ao eixo central do espaço), na posição que ocupava a cadeira de Fiscal na Cena I. Uma vez isso feito, Chefe se adianta e manda Primo para o lado com um gesto violento, de desprezo. Sobe na cadeira com grande risco de cair, devido a sua instabilidade.

Uma vez acomodado, imita os gestos e as posturas de Fiscal. Primo permanece quieto, um pouco encurvado, cansado, como um animal esgotado, imóvel, incapaz até mesmo de deitar-se no chão para descansar.

Entra Fiscal pelo lado oposto ao que se encontra a cadeira de Chefe. Avança uns passos entrando em cena, até que vê os outros. Quando os vê se detém bruscamente e encara Chefe. Encara-o insistentemente. Chefe e Primo permanecem em absoluta imobilidade. Fiscal finalmente faz meia volta e retorna por onde veio, com movimentos diretos e precisos. Assim que sai Fiscal, Chefe permanece ainda por uns instantes imóvel, até que, repentinamente, fica agitado em seu assento e com grande nervosismo começa a descer da cadeira. Faz muitos movimentos inúteis, produzidos pelo medo, e cai no último momento, quando já estava a ponto de apoiar um pé no chão, em meio a uma confusão de ferros desarmados.

Enquanto se refaz, começa a empurrar para fora da cena, com grande ruído, a cadeira e os ferros que ficaram soltos. O ruído continua bastante tempo, mesmo depois de haver saído. O ruído se altera. Chefe entra novamente em cena, desta vez arrastando a cadeira de Fiscal. Coloca-a em seu lugar do início. Todos seus deslocamentos são seguidos por Primo com um movimento contínuo de cabeça, até que Chefe fique parado, muito agitado mas quieto, ao lado da cadeira de Fiscal.

Logo olha Primo com raiva e medo, e torna a sair da cena. Entra com uma mesa de pequena superfície e de pernas tão longas como as da cadeira de Fiscal. Coloca-a ao lado da cadeira. Torna a sair da cena e traz uma pequena caixa de metal, de cerca de trinta centímetros de comprimento por vinte centímetros de largura, com altura de cinco ou sete centímetros. Coloca-a sobre a mesa. Faz tudo com pressa, com movimentos econômicos e utilitários. Depois, agarra Primo pelos ombros e o empurra até colocá-lo diante da cadeira, em uma posição que considera geometricamente correta. Em seguida, coloca-se atrás de Primo, em posição de sentido. Permanece imóvel durante um bom tempo.

5 O EXAME

Entra Fiscal. Sobe na sua cadeira, com as mesmas dificuldades de sempre. Uma vez sentado, levanta a tampa da caixa de metal e retira uma folha de papel. Lê em silêncio. Estende o braço. Chefe se aproxima apressadamente e pega o papel. Fiscal tira um lápis da caixa, mas não o entrega a Chefe. Este espera até que Fiscal lhe indique que pode continuar. Chefe se afasta com uma discreta reverência, e se detém diante de Primo.

FISCAL
(Dirigindo-se a Chefe)

Tudo explicado?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Perfeitamente explicado!

FISCAL

Já disse que lhe serão entregues instruções precisas que deverá seguir rigorosamente?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Já... disse... serão entregues instruções precisas que deverá seguir rigorosamente! Exatamente!

FISCAL

Disse que somos severos mas justos, e que seu desempenho será avaliado sem preconceitos?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Disse que... severos mas justos, e que seu desempenho será avaliado sem preconceitos! Sim, assim mesmo, sim!

FISCAL

(Contendo-se)

E esclareceu que, devido ao fato de sermos justos, se seu desempenho não for satisfatório seremos obrigados a deixar de cuidar dele?

CHEFE

Sim, senhor Fiscal! Se... esclareceu que... sermos justos, as dificuldades pelas que... se atravessa nesses tempos... nefastos... se seu desempenho não for satisfatório... o senhor Fiscal estará ocupado... não poderá continuar...

(Confuso, esquece o que devia dizer)

FISCAL

(Explodindo, furioso)

Basta, senhor Chefe! Não é necessário repetir cada palavra que for dita! Já é suficiente que cumpra com o que for ordenado!

CHEFE

(Aterrorizado)

Sim, senhor Fiscal! Não é necessário! É suficiente!

FISCAL

Começemos.

Fiscal toma a caixa e a apoia sobre suas pernas. Chefe se aproxima, toma a mesinha e a coloca a um par de metros da cadeira de Fiscal. Logo se aproxima de Primo e o conduz até a mesinha. Primo fica de pé diante da mesinha, cuja superfície está quase à altura de seus olhos. Fica de costas para Fiscal. Chefe se aproxima de Fiscal, que lhe entrega uma ampulheta. Chefe guarda-o em um bolso e se coloca de frente para a mesinha, de modo que a ordem entre os três é: Fiscal, Primo, Chefe. As distancias entre eles excedem o alcance dos braços.

CHEFE

(Lê solenemente o papel)

Começam os procedimentos de exame. O examinando dispõe de uma volta de relógio para preparar sua elocução, que dirigirá ao senhor Fiscal quando lhe for ordenado. Não

se admitem perguntas. O examinando dispõe de um lápis para tomar notas referidas a sua elocução. Qualquer outro uso do lápis será considerado uma falta e determinará que seja reprovado. Se for reprovado, o examinando será conduzido às duchas.

Compreendido?

PRIMO

Quê?

CHEFE

Compreendido?

PRIMO

Quê?

CHEFE

Se compreendeu o que há para ser compreendido!

PRIMO

O que há para ser compreendido?

CHEFE

Tem que compreender o que eu disse!

PRIMO

Tudo?

CHEFE

Sim, tudo!

PRIMO

Então não compreendi.

CHEFE

O que não compreendeu?

PRIMO

Uma parte.

Chefe se aproxima de Primo rapidamente e lhe dá uma bofetada. Primo vira o rosto com o golpe, mas não expressa dor.

PRIMO

De tudo, compreendi uma grande parte, mas houve uma parte que não compreendi.

CHEFE

(Berrando)

Cale a boca!

FISCAL

Deixe-o falar. Queremos que o exame seja bem sucedido. É importante estarmos seguros de que entendeu totalmente as condições.

CHEFE

(Para Primo)

Pode falar.

PRIMO

(Dirige-se a Fiscal e a Chefe, alternadamente. Parece bastante entusiasmado)

O todo tem sentido apenas se há partes. O todo sem partes é nada. Uma parte pode ser tudo, mas isso não anula seu caráter de parte. Isso seria uma mônada. Mas esse todo tem várias partes, das quais eu não entendi uma.

Chefe está a ponto de sofrer um ataque, provocado pela indignação que lhe produz o que diz Primo.

FISCAL

Vamos, diga que parte não entendeu.

PRIMO

Não entendi a parte das duchas.

Faz-se um prolongado silencio. Os três permanecem imóveis em seus lugares.

FISCAL

É simples. O regulamento estabelece que, se for reprovado, será conduzido às duchas.

PRIMO

Mas, então, há um erro.

Chefe tem um violento ataque de guinchos selvagens.

CHEFE

Animal! Estrume! Porco! Não há erros! Não há erros!

FISCAL

Crê que há um erro?

PRIMO

Não.

FISCAL

Então por que disse que há um erro?

PRIMO

Porque não “creio”: *há* um erro.

Chefe parece desconcertado. Trata de decifrar o que acaba de dizer Primo.

FISCAL

Há um erro? Qual é o erro?

PRIMO

“Ducha” não significa “seremos obrigados a não mais continuarmos ocupando-nos dele”. “Ducha” significa “cano do qual sai água”. Do latim “ductus”, que quer dizer “cano”. Consequentemente, “seremos obrigados a não mais continuarmos ocupando-nos dele” não é “cano do que sai água”.

Chefe fica agitado, treme de raiva e dá a impressão de se conter a muito custo.

FISCAL

E, na sua opinião, o que significa “seremos obrigados a não mais continuarmos ocupando-nos dele”?

PRIMO

“Seremos obrigados a não mais continuarmos ocupando-nos dele” significa que os senhores serão obrigados a não mais continuar ocupando-se de mim.

Chefe avança sobre Primo com a intenção de acertá-lo. Fiscal o detém.

FISCAL

(A Chefe)

Alto lá! Não intervenha!

(A Primo)

Sim, é certo: em certo sentido, “ducha” é uma palavra que pode conduzir a erro. O que vamos fazer, se não passar no exame, é matá-lo.

PRIMO

Ah. Interessante. Não é uma aceção imediata para “seremos obrigados a não mais continuarmos ocupando-nos dele”, mas evidentemente é possível atribuir-lhe esse significado.

FISCAL

Tem alguma outra dúvida?

PRIMO

Nunca tive dúvidas. O que ocorreu era que não entendi uma das partes do todo. Ter dúvidas é outra coisa, ter dúvidas...

CHEFE

(Interrompendo)

Silêncio, sua besta! ¡Animal! Estrume!

FISCAL

Isso quer dizer, que agora entende todas as partes do todo?

PRIMO

Sim, senhor Fiscal, entendo tudo.

FISCAL

(A Chefe)

Continue.

Chefe se aproxima de Primo. Acomoda-o diante da mesinha em uma posição que considera adequada. Tira a ampulheta do bolso e a coloca sobre a mesa com o recipiente cheio para baixo. Olha para Fiscal, que aprova com um gesto. Coloca o papel sobre a mesinha. Aproxima-se de Fiscal, que lhe estende um lápis. Com elaborados movimentos marciais, Chefe o entrega a Primo. Vira a ampulheta.

FISCAL

A duração desse relógio é de três minutos.

Chefe se retira a seu lugar e se coloca em posição de sentido. Primo levanta o papel e o lê. Põe de volta em seu lugar, apoia o lápis na mesa e fica quieto, olhando para frente. Os três permanecem imóveis durante um minuto, até que Chefe começa a dar mostras de inquietação diante da inação de Primo. Chefe se move bastante e faz menção de caminhar até onde está Primo, mas Fiscal o detém com um gesto, assinalando a ampulheta.

Durante outro minuto os três permanecem imóveis.

Enquanto cai a última porção de areia da ampulheta, Chefe treme, parece querer saltar, é contido por vários gestos de Fiscal, e finalmente, quando toda a areia do recipiente superior cai na parte inferior, ele salta e, com um movimento brusco, retira o papel da mesa. Com solenidade caminha até Fiscal, a quem entrega o papel. Fiscal lhe indica com um gesto que volte a colocá-lo em seu lugar, ao que Chefe obedece.

FISCAL

Vimos que não escreveu nada no papel. Seja como for, acha-se em condições de responder às perguntas?

PRIMO

No papel não havia nenhuma pergunta.

FISCAL

No papel está escrito o título dos temas sobre os quais serão feitas as perguntas.

PRIMO

Sim. Eu sei tudo sobre esses temas.

FISCAL

Se sabe tudo, não terá problemas para responder a nossas perguntas.

PRIMO

É que eu sei tudo sobre esses temas. Não há necessidade de fazer-me perguntas.

FISCAL

O senhor crê que não há necessidade, mas é necessário.

PRIMO

A necessidade tem a ver com o que cremos. Se creio não haver necessidade, é porque não tenho necessidade.

FISCAL

É possível. Mas o senhor pode crer que não tem necessidade sem saber que, na realidade, tem necessidade de algo. (*Pausa*) Necessita de algo para sobreviver, por exemplo.

PRIMO

É possível. Caso eu quisesse sobreviver.

FISCAL

É possível. Mas tenha em conta que nós queremos que o senhor sobreviva.

PRIMO

É possível. Poderia querer acreditar em tal extremo. Mas provavelmente seria ingênuo de minha parte.

FISCAL

É possível. Embora de todos os modos fosse verdade. Não importa sua ingenuidade. Nós queremos que o senhor sobreviva.

PRIMO

Então o senhor Fiscal precisa saber...

CHEFE

Porco! Jumento! Estrume! O senhor Fiscal sabe tudo! Não precisa que você nem ninguém lhe diga nada!

PRIMO

Mas o senhor Fiscal quer que eu fale sobre os temas que estão no papel.

FISCAL

A finalidade das perguntas que queremos fazer é comprovar que senhor sabe as respostas.

PRIMO

Não é necessário fazê-las: eu as sei.

FISCAL

Se as sabe, não terá inconvenientes em responder.

PRIMO

Mas é o que estou fazendo: sei todas as respostas possíveis a qualquer pergunta imaginável que o senhor Fiscal queira fazer-me sobre os temas que estão no papel!

FISCAL

Mas nós não sabemos disso, por isso queremos fazer as perguntas.

PRIMO

Agora já sabem. Acabo de dizer.

FISCAL

Seguimos sem saber.

PRIMO

(Sem compreender)

Que devo fazer?

FISCAL

Responder às perguntas. Se responder corretamente, a partir de amanhã terá um cargo no qual que poderá servir melhor aos propósitos da administração.

PRIMO

Não se preocupe, vou responder bem. Não vejo necessidade de passar por esta situação. É uma conversa sem sentido. Eu sei, o senhor Fiscal sabe... Para que continuar falando?

Primo pensa um pouco e descobre algo. Aproxima-se um pouco de Fiscal, como para que Chefe não possa ouvi-lo.

É para ensinar ao senhor Chefe?

FISCAL

Não. É para comprovar que está dizendo a verdade.

*Primo permanece imóvel assim que escuta as palavras de Fiscal.
Compreendeu que desconfiam dele, que não creem em sua palavra. Está
desanimado, até um pouco ofendido. Depois de uma longa pausa, fala.*

PRIMO

Estou pronto, senhor Fiscal.

FISCAL

Bem. Começemos pelo primeiro tema.

PRIMO

(Sem dar tempo para que Fiscal prossiga)

Não é necessário, senhor Fiscal. Tenho pleno domínio dele. Podemos passar para o seguinte.

FISCAL

(Contendo sua ira a duras penas)

Então responda: Que pode...?

PRIMO

Senhor Fiscal: posso assegurar que...

CHEFE

(Gritando)

Não interrompa o senhor Fiscal, animal!

FISCAL

(A Chefe)

Cale a boca! Não intervenha!

PRIMO

(A Chefe)

É que se não explico não vamos nos entender...

CHEFE

Sim, senhor Fiscal!

FISCAL

Estamos fartos! Basta de evasivas! Deve responder ou vai para as duchas!

CHEFE

Não use o pronome pessoal da primeira pessoa do... do... plural!

PRIMO

Outra vez as duchas?

FISCAL

(Furioso, crendo que Chefe se dirigia a ele)

Basta! Ninguém me diz se uso ou não uso e quando uso o que não use ou se quero usar ou se queremos ou se vocês ou nós querem ou queremos usar o que queiramos!

(A Primo)

Prenda esse homem!

(Aponta para Chefe)

CHEFE

Como?

PRIMO

Como?

FISCAL

(Berrando)

Prenda-o!

Primo se aproxima de Chefe, que está tonto com a reviravolta dos acontecimentos, e com certa suavidade, por inexperiência, sujeita-o e se coloca diante de Fiscal. Ficam assim, então, Chefe encarando Fiscal e, atrás, com gestos cada vez mais firmes, Primo, que o sustenta pelos braços. À medida que passa o tempo, o aperto é cada vez mais forte, até que Primo assume uma postura corporal de domínio pleno.

FISCAL

Prepare o prisioneiro.

Black out.

6 O SEGUNDO ANÚNCIO

Primo, Chefe e Fiscal estão em a cena, localizados da seguinte maneira: Chefe parado no centro, olhando para Fiscal, e Primo às suas costas. Fiscal enfrenta a ambos. Atrás de Fiscal há uma cadeira exageradamente alta, cujo assento está à altura dos olhos de Chefe.

FISCAL

(Dirigindo-se a Primo, como se Chefe não estivesse presente)

Tudo explicado?

PRIMO

Sim, senhor Fiscal! Perfeitamente explicado!

FISCAL

Disse que se trata de uma oportunidade excepcional, que lhe trará grandes vantagens em relação a sua atual condição?

PRIMO

Sim, senhor Fiscal! Eu disse que se trata de uma oportunidade excepcional, que lhe trará grandes vantagens em relação a sua atual condição! Exatamente!

FISCAL

Disse que somos rigorosos mas justos, e que seu desempenho será avaliado sem preconceitos?

PRIMO

Senhor Fiscal, sabe perfeitamente que não somos nem rigorosos nem justos, e que seu desempenho será avaliado sem garantias!

FISCAL

(Nervoso)

Então o senhor não lhe esclareceu que, embora sejamos justos, se seu desempenho não for satisfatório, seremos obrigados a deixar de cuidar dele?

PRIMO

Senhor Fiscal! O sujeito sabe perfeitamente que se não fizer o que queremos será assassinado!

FISCAL

(Furioso e assustado)

Basta, senhor... Chefe! É completamente inadequado que use semelhante terminologia!

Primo faz uma longa pausa, depois da qual fala em tom calmo.

PRIMO

Primo, senhor Fiscal. Meu nome é Primo. *(Pausa)* E sim, senhor Fiscal, é totalmente inadequado que use essa terminologia. Totalmente inadequado!

Uma longa pausa durante a qual Primo permanece impassível e Fiscal se mostra um pouco desconcertado, a principio inquieto e finalmente resignado.

FISCAL

Senhor Chefe: pode o senhor informar-me sobre o sentido do uso da primeira pessoa do

singular em sua elocução anterior?

Outra larga pausa.

PRIMO

Primo, senhor Fiscal. Meu nome é Primo.

FISCAL

Não nos interessa seu nome, senhor Chefe.

Desta vez, a pausa é mais longa. Fiscal se remexe, muito nervoso, enquanto Primo deixa passar o tempo sem falar.

PRIMO

Primo, senhor Fiscal. Primo. Não sou “Chefe”.

FISCAL

Perguntamos sobre o uso da primeira pessoa do singular, senhor... *(sorri dando a entender que não lhe molesta ser complacente)* ...Primo.

PRIMO

Obrigado, senhor Fiscal. Usei a primeira pessoa do singular porque falei. Eu falei, referindo-me à minha pessoa. Eu. Portanto, usei a primeira pessoa do singular. Eu.

FISCAL

Senhor... Primo: a primeira pessoa do singular... não... se usa.

PRIMO

Senhor Fiscal: eu a usei. Acabo de usá-la novamente. Portanto, se usa. Eu a uso. Eu.

FISCAL

(Serenamente)

Senhor Primo: estamos ficando cansados de seu... estilo.

Chefe se põe em alerta. Olha ansioso para Fiscal, esperando ordens. Fiscal olha para Chefe, prestes a dar uma ordem. Permanecem os três imóveis por um momento, até que Fiscal recupera a calma.

Depois de um longo tempo, durante o qual não se produz nenhuma ação por parte de nenhum dos três, Fiscal vai até a cadeira e começa a montar nela. Chefe demonstra desânimo. Com grande dificuldade, Fiscal consegue trepar até o assento e sentar-se nele. Ajeita as roupas, alisa os amassados e arruma o cabelo por um longo tempo. Então fala.

FISCAL

(A Primo)

Anuncie que irei falar com ele.

PRIMO

Sim, senhor Fiscal! Atenção! O senhor Fiscal vai lhe dirigir a palavra!

Chefe permanece imóvel, embora seu olhar percorra o entorno. . Quando seu olhar se detém diante da cadeira, dá a impressão de que não tem energia para alcançar-se até o lugar onde está sentado Fiscal. Os únicos sinais de vitalidade são os movimentos de seus olhos. Há um longo silêncio. Do alto de seu posto, Fiscal se ajeita para olhar Primo, que está muito próximo da cadeira como para ser observado com comodidade.

FISCAL

Esperamos que tenha entendido as condições que estabelecemos para o transcorrer do processo.

Chefe permanece em silêncio.

PRIMO

Responda!

Chefe se põe a chorar.

FISCAL

(Falando pausadamente, como se estivesse conversando com alguém que não entendesse bem o idioma)

Esperamos que tenha entendido as condições que estabelecemos para o transcorrer do processo.

Chefe move a cabeça imperceptivelmente como se fosse olhar para cima, mas sem determinação.

PRIMO

Responda ao senhor Fiscal confirmando se entendeu as condições!

Chefe continua chorando desconsoladamente. Fiscal se mostra um pouco inquieto a principio, mas logo decide fingir que tudo caminha bem.

FISCAL

O processo consistirá no desenvolvimento, pelo senhor, de três temas, que poderá preparar durante uma volta do relógio. Será entregue ao senhor um papel com os títulos dos temas, e um lápis. Poderá fazer anotações no papel, e depois fará um rascunho desses temas. Em nossa qualidade de Fiscal, poderemos fazer-lhe as perguntas que

considerarmos pertinentes. Está claro?

PRIMO

(Para Chefe, tratando de entusiasmar-lo)

O papel é interessante. Tem duas dimensões.

FISCAL

Sim, um papel, no qual estarão escritas três frases, que correspondem...

PRIMO

(Interrompendo Fiscal, ainda falando com Chefe)

Não é fácil que lhe deem um papel.

FISCAL

Basta, basta. Consideramos que, para que o processo transcorra adequadamente, é conveniente entregar-lhe um papel e um lápis.

PRIMO

O lápis não me interessa.

FISCAL

Basta! Intervenha apenas quando for solicitado.

PRIMO

Sim, senhor Fiscal! Apenas quando eu for solicitado!

Cada vez que há um pronome em primeira pessoa ("meu", "mim", "eu"), Fiscal tem um sobressalto.

FISCAL

O lápis faz parte dos elementos necessários para que o processo transcorra de acordo com o esperado.

PRIMO

A mim, pessoalmente, não me interessa o lápis. O papel sim.

FISCAL

O lápis é importante para que se possa fazer anotações sobre os temas que irá desenvolver.

PRIMO

O papel é interessante porque permite desenvolvimentos em duas dimensões. Por outro lado, o lápis pode produzir apenas linhas unidimensionais.

FISCAL

Se não tiver lápis, o papel não lhe servirá para nada!

PRIMO

O papel servirá, porque no papel estarão escritas as três frases.

FISCAL

Sim, mas se não tiver um lápis não poderá desenvolver suas ideias. O lápis lhe permite desenvolver ideias!

PRIMO

O papel pode envolver ao lápis. O único que vai poder desenvolver este... indivíduo... é o papel que envolve o lápis!

Black out.

7 A NOITE DE CHEFE

Chefe está parado em posição de sentido. Primo olha a cadeira de Chefe, que está armada donde esteve na cena 2. Chefe desenha com giz e linhas tremulas uma cama no chão, e chora um pouco, pondo-se de frente para Primo, mas sem poder falar. Primo lhe indica com um gesto que pode se deitar. Chefe se deita e se ajeita de lado com os joelhos contra o peito. Primo observa um pouco a cadeira e sai de cena. Passam alguns segundos. Chefe começa a soluçar. Chora por um bom tempo.

Black out.

8 A SEGUNDA PREPARAÇÃO

Em cena está a cadeira de Chefe. Entra Primo com Chefe. Primo faz um gesto em direção a Chefe. Chefe avança e começa a desarmar a cadeira até que a converte em uma montanha de ferros enferrujados. Depois disso, Chefe permanece quieto, parado, um pouco encurvado, cansado, como um animal esgotado, imóvel, incapaz até mesmo de deitar-se no chão para descansar. Entra Fiscal pelo lado oposto ao que estão os ferros. Avança alguns passos adentrando a cena, até que vê os outros. Detém-se bruscamente e encara Primo. Encara-o insistentemente durante um momento interminável. Chefe e Primo permanecem em absoluta imobilidade. Fiscal finalmente faz meia volta e retorna por onde veio, com movimentos diretos e precisos

Assim que Fiscal sai, Primo permanece imóvel. Chefe treme de terror,

com estertores violentos. Primo não se move. Passa muito tempo.

9 O SEGUNDO EXAME

Entra Fiscal. Avança até o lugar onde antes esteve sua cadeira. Encara Primo. Trata de indicar, com poucos gestos, que falta algo. Primo não faz nada. Chefe treme de pavor. De repente, sai quase correndo da cena e volta a entrar arrastando a cadeira de Fiscal. Coloca-a entre os restos de ferros da outra cadeira. Volta a sair, e volta a entrar com a mesinha alta. Logo faz o mesmo para trazer a pequena caixa de metal. Fiscal sobe em sua cadeira, com as mesmas dificuldades de sempre, agravadas pelo incomodo de ter que passar entre os restos da outra cadeira, metida entre as patas da sua. Uma vez sentado, levanta a tampa da caixa de metal e tira dali uma folha de papel. Lê em silencio. Estende o braço. Primo se aproxima e pega o papel. Fiscal tira um lápis da caixa, mas não o entrega a Primo. Este espera até que Fiscal lhe indique por gestos que pode continuar. Primo para diante de Chefe.

FISCAL

(Dirigindo-se a Primo)

Tudo explicado?

PRIMO

Não, senhor Fiscal! O que havia para ser explicado faz parte do saber imanente do sujeito!

Una larga pausa durante a qual Primo permanece impassível e Fiscal se mostra um pouco desconcertado, logo inquieto e finalmente resignado.

FISCAL

Comecemos.

Primo se aproxima de Chefe. Acomoda-o diante da mesinha em posição que considera adequada. Tira a ampulheta do bolso e a coloca sobre a mesa com o recipiente cheio para baixo. Olha para Fiscal, que o aprova com um gesto. Coloca o papel sobre a mesinha. Aproxima-se de Fiscal, que lhe estende um lápis. Com elaborados movimentos marciais, um pouco zombeteiro, Primo o entrega a Chefe. Antes de voltar ao seu lugar, vira a ampulheta.

A duração desse relógio é de três minutos.

Chefe levanta o papel e o lê. Devolve-o a seu lugar e se dispõe a

escrever, mas a ampulheta já deixou cair toda a areia. Primo se aproxima e retira a folha com um movimento rápido. Os três permanecem imóveis por uns segundos. Primo entrega o papel a Fiscal.

FISCAL

Vimos que não escreveu nada no papel. Seja como for, acha-se em condições de responder às perguntas?

Depois de pensar por um momento, Chefe se põe a chorar.

PRIMO

Senhor Fiscal: ele não vai conseguir.

FISCAL

(Inquieto, aterrorizado)

Não é possível, não é possível, não é possível. Alguém tem que poder...

PRIMO

Este não pode.

FISCAL

Mas se este não pode... Então é que... Não é possível, não é possível... Não é possível...

PRIMO

É possível.

FISCAL

É que é tão pouco... provável.

PRIMO

Não, não! Se pode provar.

FISCAL

Provar? O que é que se pode provar?

PRIMO

“Provável” significa “que se pode provar”.

FISCAL

Provar?

PRIMO

Demostrar.

FISCAL

Demostrar o quê? Não há nada que demonstrar.

PRIMO

Deve-se demonstrar que foi aprovado ou que foi reprovado.

FISCAL

Mas ainda não...

PRIMO

O senhor o disse.

FISCAL

(*Gritando*)

O pronome! Não pronuncie pronomes! Nós não somos o senhor!

PRIMO

Eu não sou o senhor. O senhor é o senhor.

FISCAL

Nós! Nós somos nós! O senhor não sou eu!

PRIMO

É o que lhe disse: eu não sou o senhor. E quanto ao outro: aprova ou reprova?

FISCAL

É que não foi ...possível... não vemos como poderíamos provar... que foi aprovado ou reprovado.

PRIMO

Quer dizer que não pode provar...?

FISCAL

Podemos, podemos! Não se trata de não poder! Trata-se de provar... de demonstrar, justamente, se convém aprovar... ou reprovar... ao... ao...

PRIMO

Mas, nesse caso não pode aprovar que aprova ou que reprova. *Ergo*, não pode.

FISCAL

Bem, colocado dessa forma, sim, está certo, não podemos...

PRIMO

Não poder algo é não ter poder para levá-lo a cabo.

FISCAL

Bem, não poderíamos afirmar... quero dizer... Queremos dizer! Não se trata de...

PRIMO

Vamos comprová-lo.

FISCAL

Comprová-lo?

PRIMO

Sim, comprovemos se aprova, se é probo, se reprova, se é réprobo, se reprova mas é ímprobo, ou se a prova de que reprova é que não se pode comprovar que aprovou.

Fiscal gagueja algo incompreensível, aterrorizado.

PRIMO

E se não podemos, se o senhor não pode...

FISCAL

(Protesta debilmente)

Eu não... nós...

PRIMO

...se o senhor não pode provar se reprova ou aprova, então não há forma de demonstrá-lo, ou mostrá-lo. Não pode exhibir mais a prova de poder. Não pode.

FISCAL

Mas não respondeu nada! E o outro tampouco pode...

PRIMO

O outro sou eu, senhor Fiscal.

FISCAL

(Assustado)

O pronome...!

PRIMO

Há apenas uma opção.

FISCAL

Mas se há uma apenas, então não é uma opção...

Uma longa pausa.

PRIMO

Se não é capaz de exhibir as provas... de seu poder... então não há opções. *(Longa pausa)*

O senhor não pode.

Uma nova e longa pausa, os três permanecem imóveis. Por fim, Fiscal se põe a chorar.

PRIMO
(*A Chefe*)

Prenda esse homem.

Os três se olham alternativamente e começam gestos lentíssimos que não completam. Chefe começa finalmente a avançar em direção à cadeira de Fiscal. Fiscal está derrubado sobre si mesmo, mas dá um jeito de descer, com a ajuda de Chefe.

Lentamente, Primo se aproxima da cadeira. Detém-se a seu lado. Levanta um braço, apoia a mão em um lado da cadeira, e com um movimento fácil, derruba-a.

PRIMO
(*Dirigindo-se a Chefe, como se Fiscal não estivesse presente*)

Explique para ele.

Black out final.